

UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM ACOMPANHAMENTOS DE AFÁSICOS

Tamiles Paiva Novaes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Iva Ribeiro Cota

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Gabriela Cangussu de Souza Moraes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este trabalho apresenta dados, análises e discussões a partir de acompanhamentos longitudinais de afásicos e sua relação com a linguagem e processos de subjetivação. Os pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva norteiam o estudo e são reveladores da análise do funcionamento da linguagem por meio da reintegração social e subjetiva. A linguagem, assim, representa um meio para operar a realidade e ao mesmo tempo torná-la significativa, em um processo que constitui subjetividade.

Palavras chave: Afasia. Linguagem. Processos de Subjetivação.

Considerações Iniciais

Para apresentar a relação entre sujeito e linguagem é necessário pensar em duas questões, quais sejam: O que representaria o sujeito sem linguagem? O que seria da linguagem sem o sujeito? Um imenso vazio toma conta de uma possível resposta. Há de se refletir que “o pensamento humano é consciência: onde não há consciência não há nem pensamento nem linguagem, no máximo uma imagem do pensamento ou da linguagem.” (AUROUX, 1998, p.224). Dessa forma, o sujeito se constitui através da linguagem e a linguagem vai sendo constituída pelo sujeito através das experiências que envolvem o outro.

Levando isso em consideração, cabe conceituar a afasia, que, de acordo Novaes-Pinto (2012), se trata de alterações de linguagem decorrentes de lesões cerebrais focais, como AVCs, tumores e traumas crânio-encefálicos que em grande parte das vezes comprometem não só a linguagem (oral e escrita) como também funções cognitivas tais como: atenção, percepção e memória. Além disso, Coudry (1988, p.6) já nos direcionava para o fato de que “um sujeito é

afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação”.

Ao debruçar sobre os casos de afasia em que sujeitos se encontram em um processo de (re)construção da linguagem, outra questão se apresenta: De que maneira a linguagem e os processos de subjetivação repercutem práticas dialógicas advindas de acompanhamentos longitudinais de afásicos? A partir desse questionamento, objetiva-se analisar a linguagem e processos de subjetivação em funcionamento no sentido de promover uma ação crítica nos casos de afasia.

Nessa lógica, Coudry (2002) afirma que há linguagem na afasia quando há sujeito e, tanto o afásico como o não afásico se defrontam com situações nas quais o não dito está presente, em que o indivíduo não consegue ter controle e formular aquilo que deseja dizer. Assim, com vistas a compreender como o afásico se relaciona com a própria linguagem e perceber como o sujeito e a subjetividade emergem durante esse processo nos embasamos nos estudos da linguagem fundamentados na abordagem sócio-histórica-cultural, mais precisamente na Neurolinguística enunciativo-discursiva (ND) que vem sendo desenvolvida por Coudry desde a década de 80 nas atividades realizadas na área de Neurolinguística do Instituto de Estudos da Linguagem na UNICAMP.

Dessa maneira, entende-se esse sujeito afásico como protagonista da sua história, imerso em um tempo, em uma sociedade e em uma cultura que exigem dele a criação de estratégias adaptativas que o ajudem a se comunicar e lidar com as suas dificuldades.

Primeiramente, foram apresentados princípios gerais que fundamentaram o estudo. Em seguida, serão apresentados o detalhamento da base teórico-metodológica que subsidia a observação, análise e inferências sobre os dados advindos de situações enunciativo-discursivas com afásicos e as discussões relacionadas à linguagem e à subjetividade com o intuito de desvendar a constituição dessa relação. E, por último, apresenta-se o arremate das ideias através do diálogo entre sujeito, linguagem e as questões de afasia.

O movimento dado-teoria-dado: aspectos teórico-metodológicos

A Neurolinguística Discursiva que vem sendo discutida por Coudry (1988) desde as suas primeiras experiências no Instituto de Estudos da Linguagem na UNICAMP, critica o estudo tradicionalista das patologias da linguagem. Nesse tipo de avaliação tradicional, utiliza-se, entre outros instrumentos, os testes padrão os quais colocam o sujeito diante de uma série

de atividades descontextualizadas e metalinguísticas, essas que, conforme Coudry (1986) priorizam o estudo do diagnóstico e não contribuem para que o indivíduo reflita, elabore, faça conexões com a própria realidade e (re)constitua sua linguagem.

Com base nisso, a Neurolinguística enunciativa-discursiva propõe uma visão de linguagem mais ampla, levando em consideração os conceitos de funcionamento cerebral desenvolvidos por autores como Luria e a noção de linguagem pensada por autores como Vygotsky e Bakhtin (NOVAES-PINTO, 2012). Assim, nessa concepção de estudo e de intervenção no campo das afasias proposta por Coudry (1988) são explorados pelos pesquisadores e afásicos materiais que fazem parte da vida do indivíduo tais como agendas, retratos, caderno de atividades, entre outros procedimentos metodológicos que incentivem o sujeito a ser ativo no seu processo de se descobrir novamente como sujeito da linguagem.

Coudry (1988) aponta que a neurolinguística discursiva (ND) é a teoria mais adequada para se utilizar com os afásicos, já que esta incentiva o sujeito a ser ativo e também responsável pelo seu processo terapêutico. Ademais, do ponto de vista do pesquisador, a ND prioriza a singularidade de um dado, uma vez que nesse contexto tem-se muito mais relevância, como o sujeito afásico lida com a afasia, como re-elabora suas dificuldades e como se dá a relação com o terapeuta do que como o diagnóstico e os sintomas se manifestam naquele sujeito.

Com base nos pressupostos teóricos metodológicos que norteiam a Neurolinguística Discursiva, é proposta uma prática (clínica) da linguagem que pretende a interação de sujeitos afásicos e não afásicos. São exemplos desse modelo clínico os Centros de Convivência de Afásicos (CCAs) que objetivam não apenas oferecer o acompanhamento longitudinal para os sujeitos cérebro-lesados, mas também, enquanto comunidade de fala, relacionar a linguagem, a cultura e a sociedade (SAMPAIO, 2006).

No presente estudo, trazemos dados de indivíduos que fizeram parte do Espaço de Convivência entre afásicos e não-afásicos (ECO/UESB) o qual segue os moldes dos CCAs. Nesse espaço, de forma análoga, os sujeitos participam de atividades individuais e em grupo, que buscam avaliar a linguagem em funcionamento (COTA, 2012).

Ao abordar a linguagem e a subjetividade na afasia devemos, primeiramente, pensar como é ser um sujeito afásico e como é lidar com os “padrões” linguísticos estabelecidos pela sociedade. Ao acompanhar um sujeito afásico, frequentemente percebemos interrupções da sua fala pelo outro, e com isso um impedimento de expressarem a sua subjetividade por meio dos mais variados tipos de linguagem. Se, nesse contexto, a linguagem é pensada como ferramenta

e a fala como recurso, o sujeito com comprometimento linguístico estaria sempre à margem da sociedade?

É sabido que, a língua natural, como foi caracterizada até aqui, é particular do ser humano. Sabe-se, também, que a humanidade utiliza, na comunicação, uma língua natural adquirida numa mesma fase da infância, através de vários processos e fases. Todo esse processo ainda é pouco conhecido e é objeto de estudo e de interesse da ciência, e muito ainda há para ser discutido, vez que os aspectos ligados à constituição biológica do ser humano naquilo que se refere à capacidade da linguagem apenas começam a ser desvendados. Entretanto, todos, até os mais leigos, sabem que tudo começa no cérebro.

Há 100 anos, Fournier disse que “O discurso é a única janela através da qual o fisiologista pode observar o funcionamento da vida cerebral”. As tentativas de compreender a complexidade das capacidades cognitivas do ser humano são muito antigas e uma forma de investigá-las é através da capacidade da linguagem.

Portanto, as elucidações em torno da linguagem não são interesses apenas da contemporaneidade. Atualmente, as contribuições de Bakhtin, Benveniste, Jakobson, Franchi e entre tantos outros, entendem que a linguagem é pertencente a natureza humana, não pode ser criada e nem inventada, ou seja, ela não é simplesmente um instrumento ou ferramenta meramente comunicacional.

Para Benveniste, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta a realidade” (BENVENISTE, 1974, p.285). Assim, a construção do sujeito perpassa pela sua relação com a linguagem. Ainda segundo o autor, essa construção “é tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem” (BENVENISTE, 1974, p.285).

A visão da linguagem que rege os pressupostos da Neurolinguística Discursiva é a mesma pautada por Franchi (1977) que a concebe como um lugar de interação humana, de que o sentido é apreendido a partir do contexto social, histórico e ideológico, sendo característica principal dessa noção de linguagem, o diálogo. Para o autor, “a linguagem designa um processo que não está sujeito a um conjunto estável e permanente de categorias, pois responde à provocação da imaginação; que *constitui, mas não se institui*; que não se fixa, mas retoma e se renova”. (FRANCHI, 1977, p. 31), rejeitando assim toda a redução da linguagem a um sistema formal.

Franchi (1977) reafirma:

Bem repetindo Humboldt, a linguagem é um processo, cuja forma é persistente, mas cujo escopo e modalidades do produto são completamente indeterminados; em outros termos, a linguagem em um de seus aspectos fundamentais, é também um instrumento de subversão das categorias e criação de novas estruturas. Nesse sentido, a linguagem não é somente um processo de representação, de que se podem servir os discursos demonstrativos e conceituais, mas ainda uma prática imaginativa que não se dá em um universo fechado e restrito, mas permite passar, no pensamento e no tempo, a diferentes universos, mais amplos, atuais, possíveis ou imaginários (FRANCHI, 1977, p. 54).

Para o autor, a linguagem é carregada de sentidos, de história e de funções sociais. É por meio da linguagem que o sujeito afásico cria novas possibilidades, retorna ao seu convívio social, apontando para a importância de olhar para o sujeito afásico como um sujeito de linguagem, que, apesar de suas dificuldades ao se comunicar, também se constitui pessoalmente através da enunciação.

Tendo em vista o objeto de análise e o caminho teórico trilhado até aqui, consideramos esse estudo de natureza qualitativa, já que buscamos compreender os efeitos sociais, subjetivos e interpessoais da afasia naqueles que são acometidos por ela, em detrimento da objetividade que a abordagem quantitativa propõe. Novaes-Pinto ressalta que as pesquisas qualitativas se interessam por “como as ações e as experiências sociais são criadas e mantidas” (NOVAES-PINTO, 2012, p.59). Assim, sendo o afásico o objeto de estudo e estando pesquisador e sujeito imersos no mesmo tempo e cultura, constituindo parte do processo de interlocução ao permear o diálogo em práticas discursivas reais, é necessário considerar a constante mudança provocada pelo encontro.

A ND, também, partindo de uma perspectiva discursiva e, conseqüentemente, considerando uma concepção de linguagem abrangente, a interlocução e os modos de produção, desenvolve uma forma própria de tratar os dados, o dado-achado. Segundo Coudry, 1996: “uma metodologia contrária aos testes avaliativos e experimentais”.

Sobre o dado-achado, Coudry (1996, p. 183) diz que “é produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico dos processos linguísticos-cognitivos”. O dado-achado tem algo em comum com o dado singular, e com paradigma indiciário de Ginzburg (1989).

Ao tomar como referência o Estatuto dos dados em Ciências Humanas, conforme Ginzburg (1989), a análise está voltada para dados privilegiados que são recobertos de sinais, indícios para serem decifrados. Com isso, descobre-se regularidades que subjazem aos

fenômenos superficiais, traçando questões metodológicas cruciais que sublinham a “singularidade reveladora” ao esclarecer que o dado diferente de qualquer outro dado é um dado singular. Isso elaborado a partir de um “rigor flexível” em que entram em jogo outros elementos, como a intuição do investigador na observação do singular, em substituição a procedimentos experimentais, na replicabilidade e na quantificação de resultados.

Nesse sentido, a ND privilegia atividades epilinguísticas, em uma perspectiva discursiva, no processo de avaliação, acompanhamento e intervenção, recorrendo às mais diversas situações e configurações de uso linguístico-cognitivo. Com esses procedimentos, a ND opera com todos os traços humanos que acompanham e dão sentido à atividade verbal: gestos, expressões faciais e corporais, escrita e leitura; buscando compreender como o sujeito significa para assim atuar, junto com ele, sobre os múltiplos aspectos envolvidos em processos de significação; sempre observando e descrevendo tais aspectos (COUDRY, 2007).

Encontros com os afásicos RG e RR

A análise da linguagem e dos processos de subjetivação que contemplam este trabalho advém de dados de acompanhamento longitudinal dos sujeitos RG e RR, retirados das dissertações de Mestrado “O que ecoa o sujeito afásico RG em um estudo neurolinguístico”, defendida em 2012 por Iva Ribeiro Cota e “Implicações e aspectos linguísticos na escrita de um sujeito afásico” defendida em 2016 por Tamiles Paiva Novaes.

RG, 35 anos (idade do período da coleta), solteira, brasileira, nível superior, alegre e carismática. Segundo diagnóstico médico, apresenta uma afasia como sequela de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi) decorrente de trombose de seio venoso. Antes do acometimento neurológico, ministrava cursos de oratória, cursava pós-graduação, trabalhava em uma empresa com questões contábeis, lia livros, escrevia e lidava com números com frequência.

Com o início do acompanhamento longitudinal, observou-se que RG apresentava parafasias (perturbação da linguagem oral em que a palavra desejada pelo sujeito é substituída por outra não apropriada, ou quando há troca entre os sons pretendidos e aqueles efetivamente realizados), paragrafias (alteração na linguagem escrita que consiste em escrever uma palavra por outra), dificuldade de leitura e de representação numérica, além de déficit na percepção acústica em conversas ao telefone. Nas atividades em grupo, evidenciou-se que, quando havia sobreposição de fala de interlocutores, apresentava dificuldade de compreensão, perda do foco e desvio do tópico conversacional.

O sujeito RR foi diagnosticado em 2012 como um caso de afasia decorrente de um Acidente Vascular Cerebral Hemorrágico (AVCh). RR faleceu em agosto de 2015 e foi acompanhada longitudinalmente durante 2013 e 2014. Era do sexo feminino, nasceu em fevereiro de 1968, brasileira, solteira, mãe e comerciária. RR possuía o ensino médio completo e havia passado no vestibular para cursar segurança do trabalho. Segundo informações da família, RR gostava muito de almoçar e jantar com amigos, era uma pessoa muito sociável, praticava caminhada e frequentava bastante a igreja. Gostava de ler romances, livros com temática política e relacionados ao espiritismo, assistia Tv, filmes e novelas.

O sujeito utilizava os processos alternativos de significação para preencher as lacunas da linguagem verbal, produzia poucas palavras como “sim” e “não” e apoiava-se na prosódia para estabelecer uma inter-relação de comunicação. Dessa forma, “RR” utilizava outros meios para se comunicar como, por exemplo, se apoiar na fala do outro, gestos, e, no último ano, estabeleceu uma relação com a escrita para se expressar linguisticamente, desta forma buscando os caminhos para (re)construir sua linguagem e para manter seu convívio com a sociedade.

Enfatiza-se que, nas sessões, buscamos realizar o que propõe a Neurolinguística Discursiva, ou seja, inserir o sujeito afásico no mundo novamente com a linguagem, pois o sujeito após acometimento da afasia encontra-se com a linguagem limitada e muitas vezes impossibilitado de se expressar verbalmente, principalmente, por não ser compreendido ou estimulado a buscar outros meios para se fazer entender.

Dados e discussões

Refletir sobre a constituição da linguagem e do sujeito no contexto da afasia é avaliar o ser e seus posicionamentos e para isso são necessários o convívio e a interação com esses casos. É essa vivência que trará subsídios para a reflexão, pois somente a linguagem em funcionamento pode ser reveladora do sujeito e de suas dificuldades.

A afasia precisa revelar as suas lacunas com relação à linguagem em um processo ativo para que se possa perceber onde o investigador pode trabalhar. Adentrar esse universo que não é palpável é desafiador. Envolve um sujeito que se distancia de si e dos outros por suas dificuldades com a linguagem, pois a doença apaga. Envolve, ainda, um comprometimento do investigador que precisa estar aberto para interagir com um sujeito “que se reconstitui e reconstitui a sua linguagem” (COUDRY, 1988, p. XVII).

A seguir discute-se três dados advindos de acompanhamento longitudinal de sujeitos afásicos. Os dados transcritos neste trabalho seguem, com algumas adaptações, o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Apresentam siglas iniciais maiúsculas para tratar dos sujeitos e a sigla com inicial “i” maiúscula para tratar dos investigadores/interlocutores.

Com o intuito de compreender a amplitude dessas questões, toma-se o dado a seguir, em que o sujeito afásico RG e Iic conversam sobre a troca que RG realizou ao tentar falar papel de seda (termo utilizado “papel tecida”).

Situação enunciativo-discursiva 05/08/2011

Quadro 1: Dado 1: Analisando as parafasias.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Na minha cabeça tava normal é na fala que eu não consigo.	Demonstra insegurança.	
2	Iic	Ah! Entendi.		
3	RG	Entendeu? Assim tudo o que eu falo é, Iic, é assim na hora de falar tá todo aqui só que a, a pronúncia que não vem, entendeu?		
4	Iic	Tanto é que você retoma e fala a palavra certa.		
5	RG	Por isso que, às vezes, por exemplo, se eu estiver nervosa, por exemplo, é ansiosa demais é isso que acontece. Aí eu falo para minha mãe eu não quero falar, não. Por quê? Porque assim eu quero, na minha cabeça eu falo certo, eu penso certo e não falo, falo errado.	Fala com insatisfação.	

Fonte: Transcrição de Iva Ribeiro Cota apresentada em dissertação COTA (2012).

RG, no dado “Analisando as parafasias”, posiciona-se como um avaliador crítico do seu quadro. Analisa o que ocorre em sua fala e testemunha o fenômeno em um ângulo que só se poderia obter por meio de suas impressões que é a representação do que é vivenciado ao dizer no turno 5 que “na minha cabeça eu falo certo, eu penso certo e não falo, falo errado”.

No dado a seguir, RG apresenta a sua história para um grupo no ECOA/UESB e MB (sujeito afásico que também faz parte do ECOA) identifica-se com o relato.

Situação enunciativo-discursiva: 19/08/2011

Quadro 2: Dado 2: Essa menina sou eu.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Pra você ver como é difícil. É fato de você / é / uma pessoa que sabe tá tudo lá, mas eu não consigo expressar, sabe? E se estiver muito nervosa aí. Eu falo até com Iic, eu falei assim, vocês ainda não me viram ainda nos meus picos da ansiedade. Porque na verdade isso tudo é a ansiedade. Na verdade, meu médico já falou, RG, seu problema é ansiedade. Tanto é que esse, esse.		
2	MB	Ele também já me falou isso. Que médico? Que médico?		
3	RG	Esse. Dr. N.	Risos.	
4	MB	Tu é eu, é? Essa menina sou eu.		
5	Iic	Essa menina sou eu.	Risos.	

6	MB	Encarnou aqui e eu viva ainda.		
7	RG	Será por que que essa?	Risos.	
8	Iic	Ah, MB, emociona a gente.		
9	MB	Eu não vou falar, não. Você já está falando por mim e por você. Só meu caso que foi diferente.		
10	Ins	Vai falar sim, uai.		

Fonte: Transcrição de Iva Ribeiro Cota apresentada em dissertação COTA (2012).

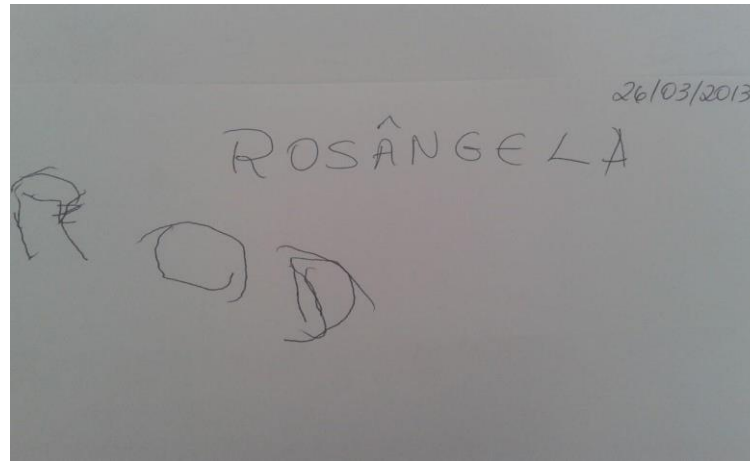
A interação com o grupo, a possibilidade de narrar sua trajetória, manifesta em RG a autonomia para manifestar suas particularidades. Essas trocas reverberam em experiências mútuas que se confirmam com a participação de outro sujeito afásico, MB, que, ao ouvir o relato de RG sobre a sua condição atual no mundo e na linguagem, afirma: "Tu é eu, é? Essa menina sou eu", reforçando essa cumplicidade dizendo "Encarnou aqui e eu viva ainda".

Os déficits linguísticos apresentados por RG ganham nesse espaço uma possibilidade de compreensão do seu estado e alimentam as possibilidades de (re)construir sua linguagem utilizando recursos do próprio sistema linguístico e de outros meios para alcançar novos caminhos de significação.

O dado a seguir do sujeito afásico RR demonstra que apesar de todas as alterações, RR se constituía como sujeito na linguagem, pois mantinha uma vontade própria de recomeçar e um forte interesse para voltar a escrever o seu próprio nome, e assim, se encontrar, de fato, no mundo e nas práticas sociais. Passemos, então, para análise do último dado:

Dado 3 (26/03/2013): Nesta sessão, **RR** conversa com **Itp** e com a investigadora **Ins**. Nessa atividade que realizamos na sessão individual, RR estava prestes a fazer uma perícia no INSS e pretendia assinar o nome.

Figura 1 – Dado 3



Fonte: Registro de Tâmilis Paiva Novaes retirado da dissertação NOVAES (2016)

Observamos que RR desde o começo coloca a pesquisadora no papel de uma interlocutora-colaboradora de seu texto ao solicitar ajuda para escrever o próprio nome. E isso aconteceu de maneira constante em todo processo. Parece-nos que ela atribui à pesquisadora uma posição de saber, de poder, nesta atividade conjunta, além, é claro, de uma relação de confiança e compartilhamento que se estabeleceu entre RR e as investigadoras/mediadoras Itp e Ins.

Outro ponto importante para discutirmos é a identidade e o esforço de RR em escrever o nome. Entendemos aqui a identidade como um construto, marcada discursivamente. A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa e fora da língua. RR procurava em vários encontros apropriar-se da linguagem escrita e recusava utilizar a digital como sua assinatura.

Considerações Finais

Diante das práticas dialógicas e do contexto que explora os processos interativos permeados nos estudos neurolinguísticos, reafirma-se que a análise do funcionamento da linguagem no caso de afasia se dá no viés da reintegração social e subjetiva, ou seja, através de experiências. A linguagem, assim, representa um meio para operar a realidade e ao mesmo tempo torná-la significativa, em um processo que constitui subjetividade. Negligenciar o papel das interações neste processo é desconsiderar a subjetividade.

Cada passo relacionado ao sujeito e à linguagem deve ser bem pensado, principalmente nos estudos de afasia, pois a postura que se toma refletirá em experiências para esses sujeitos. O que se pode inferir nesses dados e na interação com esses sujeitos é que o processo de reconstrução da linguagem não se dá no isolamento e sim no encontro com o outro. É no momento em que relatam a história de vida, a rotina, convivem, compartilham os anseios ou seus gostos e que esperam desse outro uma resposta é que a sua deficiência se transforma em estímulo para um processo de reconstrução.

Referências

AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: UNICAMP, 1998.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1974. Edição consultada: 2006.

COTA, I. R. **O que ecoa o sujeito afásico RG em um estudo**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB): Vitória da Conquista, BA, 2012.

COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Edição consultada: 2001.

_____. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolingüística. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 2002, p. 99-129.

_____. O que é dado em Neurolingüística. In: CASTRO, M.F.P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996, p. 179-194.

_____. Neurolingüística Discursiva: afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.6, 2008, p. 7-36.

FRANCHI, C. Linguagem – atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, nº 22, Jan./Jun. Campinas: UNICAMP/IEL, 1977/1992.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

NOVAES-PINTO, R. do C. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, ed. 1, p. 55-64, 2012.

NOVAES, T. P. **Implicações e aspectos linguísticos na escrita de um sujeito afásico**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB): Vitória da Conquista, BA, 2016.

SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia**: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala / Nirvana Ferraz Santos Sampaio. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006. (Tese de Doutorado).

_____. Recomposição da subjetividade no ECOA. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v.1, n.2, p. 255-269, 2012.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Tamiles Paiva Novaes

Doutoranda em Linguística; Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB); Grupo de Estudos em Neurolinguística - (GPEN/UESB). Bolsista (FAPESB). E-mail: novaes.tamilespaiva@gmail.com

Iva Ribeiro Cota

Doutoranda em Linguística; Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB); Grupo de Estudos em Neurolinguística - (GPEN/UESB). E-mail: ivarcota@gmail.com.br

Gabriela Cangussu de Souza Moraes

Graduanda em Psicologia; Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Grupo de Estudos em Neurolinguística - (GPEN/UESB); Bolsista de Iniciação Científica (FAPESB). E-mail: cangussugab@gmail.com

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

Doutora em Linguística. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB); Líder do Grupo de Estudos em Neurolinguística - (GPEN/UESB). E-mail: nirvanafs@terra.com.br